



5º Encontro Internacional de Política Social 12º Encontro Nacional de Política Social

Tema: "Restauração conservadora e novas resistências"

Vitória (ES, Brasil), 5 a 8 de junho de 2017

Eixo: Pobreza e desigualdades no capitalismo contemporâneo.

Dimensões do capitalismo contemporâneo: inflexões para a classe trabalhadora

**Eduarda Isis Vicente dos Santos¹
Karolinne Krízia da Silva Ferreira²**

Resumo: O presente artigo faz o estudo das transformações econômicas, políticas e sociais ocorridas no contexto do capitalismo contemporâneo, tendo como objetivo contribuir para a discussão acerca dos processos que desencadeiam a fase contemporânea do capital e quais as inflexões para a classe trabalhadora. Busca-se se deter em uma perspectiva histórico crítica, a fim de sistematizar as transformações estruturais nas condições históricas contraditórias, com revisão dos aportes teóricos de estudo em pesquisa bibliográfica. Percebe-se o campo contraditório do cenário contemporâneo, com novas estratégias em benefício do capital, acarretando grandes consequências no acirramento da exploração do trabalho, com a perda do caráter revolucionário em razão de reformas dentro do capital.

Palavras-chave: Capitalismo; Classe trabalhadora; Exploração.

Abstract: This article studies the economic, political and social transformations that occurred in the context of contemporary capitalism, aiming to contribute to the discussion about the processes that trigger the contemporary phase of capital and which are the inflections for the working class. It seeks to stop in a critical historical perspective, in order to systematize the structural transformations in contradictory historical conditions, with a review of the theoretical contributions of study in bibliographical research. It is possible to perceive the contradictory field of the contemporary scenario, with new strategies for the benefit of capital, having great consequences in the intensification of the exploitation of labor, with the loss of the revolutionary character due to reforms within the capital.

Keywords: Capitalism; Working class; Exploration.

Introdução

O estudo em questão busca um resgate introdutório da fase contemporânea do capital. Visto que, as transformações econômicas, políticas e sociais que se seguiram à crise de 1970, acarretaram um acirramento da exploração do trabalho. O capitalismo contemporâneo, marcado pelos avanços tecnológicos, resultou na onda neoliberal, é nesse

¹ Mestranda em Serviço Social pelo programa de pós-graduação da faculdade de Serviço Social na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: <eduarda_isis@hotmail.com>.

² Mestranda em Serviço Social pelo programa de pós-graduação da faculdade de Serviço Social na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: <karolinnek@hotmail.com>.

campo contraditório que surgem as estratégias do capitalismo para manter sua dominação/exploração sobre a classe trabalhadora.

Dessa forma, este artigo intenta no primeiro item compreender o contexto contemporâneo, apresentando uma visão da produção fordista/taylorista que representou historicamente um período de grandes inovações na produção, bem como um período de falso equilíbrio entre o capital e o trabalho. Observa-se que com o fracasso deste modelo de produção industrial, a sociedade passa a vivenciar um conjunto de mudanças, que resultou na adoção de uma nova gestão – o toyotismo. Surge um novo modelo de desenvolvimento econômico e social, o neoliberalismo, trazendo limitações para o trabalho, do qual será abordado no estudo. Assim, o primeiro item aponta a construção desse cenário – econômico, político e social –, com o intuito de situar o leitor sobre a implementação e a expansão das estratégias para manter o domínio do capital.

Já o segundo item realiza uma reflexão da contradição do capitalismo, com a realização desse percurso visa-se apreender um pouco mais sobre as inflexões e limitações para a classe trabalhadora. Partindo dessa análise, busca-se situar o leitor sobre a forma perversa e alienante desse modo de produção capitalista sobre o trabalhador e quais suas estratégias de reformas no capital para manter a classe trabalhadora como funcional ao capitalista.

Para conhecer o objeto de pesquisa e sistematizar os conhecimentos acerca da temática, adota-se uma perspectiva histórico crítica. Porém, não existe um conjunto de regras para se utilizar o método e sim uma perspectiva do sujeito pesquisador, que por meio de uma abstração, extrai do objeto múltiplas determinações. Para a realização do estudo lançou-se mão da pesquisa bibliográfica.

Nesse sentido, a temática em questão constitui-se como uma discussão para compreensão das contradições e limites desse modo de produção capitalista, tendo em vista que esse debate contemporâneo trouxe novas formas de exploração para o trabalhador. Partindo disso faz-se menção a essas estratégias ideológicas, buscando entender a forma de silenciar a classe trabalhadora e tentar impedir a revolução. Assim, através do respaldo crítico, intenta-se uma intervenção comprometida com a classe trabalhadora.

Os processos que desencadeiam a fase contemporânea do capital

Para uma compreensão das determinações contemporâneas no capitalismo é imprescindível realizar um esboço sobre as bases que antecedem este panorama, aliás, essa

fase foi de grande pertinência para o fortalecimento da lógica capitalista. Antes se faz necessário, de forma introdutória, compreender a conjuntura mundial, que fez emergir esse cenário contemporâneo.

Desse modo, é possível observar que no Fim da Segunda Guerra Mundial, o capitalismo vivência uma fase marcada por um avanço ideológico nos resultados econômicos. Tratado como um desenvolvimento do capitalismo, que é denominada por alguns autores de “anos dourados”, porém, logo após esse período o capitalismo perpassa por uma crise com transformação no cenário mundial. Antes dessa crise, ocorreram medidas de integração entre os trabalhadores no circuito do consumo, que desencadeou ganhos da produtividade advindos do padrão americano de acumulação fordista/taylorista. Observa-se, que

[...] na primeira metade do século 20 os operários e muitos trabalhadores assalariados viram suas condições de trabalho se tornarem cada vez mais duras e ainda mais desumanas com as técnicas de controle desenvolvidas por Charles Taylor e cuja generalização gerou o fenômeno do fordismo (LESSA, 2011, p. 69).

A produção fordista/taylorista surge aproximadamente em 1910, sendo representada por Henry Ford, um grande empresário na área da produção de automobilísticos. Este modelo de produção industrial denominado fordismo, tornar-se-ia responsável por um forte processo de monopolização – capitalismo monopolista³. Segundo Gounet

[...] o modelo fordista de produção foi materializado pela primeira vez em 1913, com a criação da empresa Ford, por Henry Ford e fabricação em massa do veículo modelo T, cujo preço reduzido, estimulou o consumo em massa. Tratava-se de aplicar “os métodos do taylorismo (ou “organização científica do trabalho”) à indústria automobilística para atender a um potencial consumo de massas” (1999, p. 18).

Um período marcado na busca por rendas tecnológicas derivadas da monopolização do progresso técnico, com um direcionamento na diminuição dos custos salariais diretos, focado na automação. O que se comprova é um desenvolvimento das forças produtivas, em contradição cada vez mais com as relações de produção. Nesse período os trabalhadores se organizam e reivindicam suas melhorias, surgindo uma receita que o capitalismo encontrou

³ O Capitalismo monopolista a partir do século XX maximiza o sistema de contradições da ordem burguesa nos traços de exploração, alienação e transitoriedade histórica, fazendo crescer os preços das mercadorias e serviços, elevando as taxas de lucros nos setores monopolizados.

para combinar acumulação, equidade e democracia política. De acordo com estudos, surge um estágio de “Bem-Estar” Social, o *Welfare-State*,

[...] o Estado se organiza para se converter em um grande comprador através de políticas públicas, todas elas muito lucrativas para o capital. Esse é o chamado Estado de Bem-Estar. Além de auxiliar a controlar as crises cíclicas, sua finalidade primeira, o Estado de Bem-Estar trouxe ainda um segundo benefício para a burguesia. Iludiu os trabalhadores de que a vida de todos iria melhorar com o desenvolvimento do capitalismo, tal como já ocorrera com a aristocracia operária. Bastava apoiar os partidos reformistas que uma sociedade mais justa estava muito próxima. O Estado de Bem-Estar foi um importante instrumento no desarme ideológico dos trabalhadores e na legitimação do poder da burocracia sindical e partidária, quase sempre, lembremos, oriunda da aristocracia operária (LESSA, 2012, p. 68).

Apresenta-se o pacto Fordista-Keynesiano, que põe as bases para o modo de produção em série promovido pelo fordismo e uma intervenção do Estado defendido pela doutrina Keynesiana⁴, que tinha como objetivo de elevar a demanda global a partir da ação do Estado. Salienta-se que este cenário denominado de “anos dourados” conhecido historicamente por “onda longa de expansão” vivência uma forte crise que provocaria a mudança do crescimento. Há uma queda na taxa de lucro, emergindo nesse cenário uma crise de superprodução, ficando aparentes as limitações que o padrão americano de acumulação fordista/taylorista possuía. Segundo Gounet (1999) essas limitações advinham da crescente improdutividade em decorrência da separação entre concepção e execução, ineficácia efetiva das políticas keynesianas, que pudessem sustentar o Estado Providência, contestação da supremacia norte-americana como potência mundial e a presença de uma contestação social. Dessa forma,

[...] a articulação entre o Imperialismo, o Estado de Bem-Estar e uma nova forma de controlar o trabalho operário, o fordismo/taylorismo, propiciou anos de elevada lucratividade ao sistema do capital até nos aproximarmos dos anos de 1970. O aumento da produção conduziu, no final dos anos 60, a uma superprodução cada vez mais difícil de ser controlada. Em meados de 1970, adentramos à crise estrutural do capital, de que nos fala Mészáros. O sistema do capital não mais conta com os mecanismos necessários para deslocar para o futuro as consequências para ele danosas da abundância. A alternativa é a que todos conhecemos: a concorrência se intensifica e o desenvolvimento tecnológico permite a sobrevivência das unidades produtivas nas novas condições ao reduzir a necessidade de força de trabalho. O desemprego explode e a miséria, em escala planetária, se eleva a novos níveis (LESSA, 2011, p. 69).

⁴ Baseada nas proposições keynesianas de John Maynard Keynes (1883-1946), que defendiam uma maior intervenção do Estado na economia, com um leque de medidas anticrises.

Iniciam-se a partir daí ajustes estruturais, porém com uma dificuldade para encontrar saídas para a crise. Neste processo, o padrão americano de acumulação fordista/taylorista, onde a oferta passa a ser maior que a procura, já não era mais favorável para o capital uma produção em massa e em série, precisando encontrar novas saídas. Devido esta realidade, o capitalismo personificado na classe burguesa necessitava elaborar estratégias que o permitisse superar esse quadro crítico da crise estrutural de 1970.

Esta regulação keynesina sobre as relações políticas, econômicas e sociais é modificada, entrando na esfera da produção o processo de reestruturação produtiva, com o modelo japonês de acumulação flexível, desenvolvido pela Toyota, no Japão, o denominado toyotismo. Esse modelo se sustenta na denominada acumulação flexível, que

[...] se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (HARVEY, 1993, p.140).

Diante desse cenário de retomada, a economia e o mercado japonês encontraram-se restrito e delimitado, sendo preciso desenvolver um modelo de produção adequado àquela realidade, surgindo o toyotismo, onde

[...] na medida em que os limites da robotização e da automação vão se fazendo mais evidentes, ganham importância os elos que articulam o fordismo ao toyotismo [...] Algumas das tendências do que depois, genericamente, foi denominado de toyotismo ou produção flexível teriam surgido no próprio fordismo (LESSA, 2011, p. 323).

Deste modo, não se tem uma superação de um padrão de acumulação a outro, e sim uma continuidade. Segundo Lessa (2011) ocorre uma continuidade com novas formas, o novo padrão surge de acordo às exigências do mercado, o que se tem entre o fordismo e o toyotismo, não é uma emergência de uma nova sociabilidade, nem muito menos a superação do capitalismo, mas assistiu-se uma continuidade na produção de mais e mais capitalismo. Sendo preciso entender que as razões entre a distância do fordismo e o toyotismo são menores do que muitos autores têm indicado.

Com o toyotismo a produção é redimensionada, não demorou muito para que esse quadro se alastrasse em escala mundial em virtude da crise estrutural de 1970, dessa forma o processo de reestruturação produtiva tornou-se responsável por uma série de mudanças

em âmbito econômico como também político e social, embora esse resultado não tenha sido alcançado sozinho, pois existiram outras estratégias. A adoção do sistema de produção toyotista trouxe grandes repercussões para a sociedade. Ocorrendo uma reestruturação no mercado de trabalho,

[...] na segunda metade do século 20, já no contexto da crise estrutural e com um elevado desemprego, desenvolve-se um modo ainda mais duro e desumano de controle do trabalho dos operários e de muitos dos trabalhadores assalariados: o assim denominado toyotismo (GOUNET, 1999, p. 69).

Os trabalhos passam a ser mais flexíveis, com pequenos grupos de trabalhadores operando grandes máquinas automatizadas, obtendo como resultado a intensificação do trabalho. Predominam-se trabalhos em tempo parcial, temporário ou apenas subcontratado, ou seja, a qualquer momento se pode não precisar mais dessa força de trabalho, da qual passa a ser diminuída ou até mesmo retirada, gerando um desemprego estrutural.

Constata-se, uma crise estrutural do capital em 1970, surgindo um período denominado de “onda longa de estagnação” do capitalismo, com mudanças em benefício do capital. Segundo MARX,

[...] para controlar as crises era preciso 1. A elevação do grau de exploração da força de trabalho 2. Compreensão do salário abaixo do seu valor 3. Barateamento do capital constante (máquinas, imóveis, terra, etc) 4. O aumento ou renovação da superpopulação relativa como meio de oferecer um contrapeso à queda da taxa dos lucros.

Para superar esse momento foi necessária a adoção de medidas que permitissem ao capitalismo se recuperar e retornar seu auge, para tal feito foi realizada a recorrência aos ideais liberais, que resultou no novo modelo de desenvolvimento econômico e social – neoliberalismo. “Esse processo (da queda da taxa de lucro) levaria em breve a produção capitalista ao colapso, se tendências contrárias não atuassem constantemente” (MARX, 1984, p.186).

A ideologia neoliberal traz consigo uma mudança com o modelo de Estado keynesiano, se sustentado agora em um Estado mínimo para o trabalho com mudanças na intervenção estatal,

[...] nas novas condições econômicas, um novo Estado se fez necessário: o neoliberal. Aparentemente, o antípoda do Estado de Bem-Estar, no fundo, e sua persecução histórica. Tal como a crise do fordismo esta na origem da produção

flexível, o Estado de Bem-Estar, ao domesticar o movimento operário e ao ganhar ideologicamente os setores assalariados para o projeto capitalista, se tornou a base a partir da qual foi possível a abolição dos estímulos ao consumo dos trabalhadores e setores assalariados através da revogação das políticas públicas, do rebaixamento do nível salarial e da abolição de direitos trabalhistas — na enorme maioria das vezes com a cumplicidade, se não com o apoio explícito, dos grandes sindicatos e centrais sindicais. Isto foi historicamente possível, em alguma medida importante, porque o Estado Mínimo neoliberal e a perseguição, com novos meios, dos mesmos objetivos do Estado de Bem-Estar: a intervenção do Estado para garantir a mais elevada taxa de extração de mais-valia a cada momento da história. Seu conteúdo de classe permanece fundamentalmente o mesmo, sua função social não se alterou: do Estado de Bem-Estar ao Estado Mínimo neoliberal ha uma evolução correspondente as novas condições impostas pela crise a reprodução do capital em escala mundial (LESSA, 2011, p. 320).

Apresenta-se assim, um receituário de medidas, entre elas: a privatização de empresas públicas, a liberalização financeira e comercial dos mercados e a redução dos gastos com políticas sociais, que se fizeram presentes na agenda neoliberal. De acordo a Lessa (2011) na produção industrial, as novas condições originaram um padrão tecnológico e gerencial, que trouxe como alteração mais significativa a elevação da taxa de extração da mais-valia. Assim,

[...] a combinação e articulação das características dos dois modelos parece ter sido a regra, mais do que a exceção, da “reestruturação produtiva” em todo o mundo. E esta possibilidade de fusão de elementos do taylorismo com as exigências da produção flexível já estava parcialmente dada pelas novas necessidades e possibilidades de extração de mais-valia geradas com o esgotamento do binômio fordismo/Estado de Bem Estar (LESSA, 2011, p. 307).

Segundo Lessa (2011) a partir do esgotamento do mercado e o “excesso de capitais”, ocorrem um aumento na esfera financeiro. Passando a ficar a “[...] empresa que colocar primeiro no mercado o novo produto e que souber explorar melhor os ‘nichos’ de consumo a seu alcance” (LESSA, 2011, p. 318). Ele acrescenta que as empresas fordistas deram lugar a empresas flexíveis, do qual articulam sua produção com um alto grau de terceirização e elevada integração com medias e pequenas empresas fornecedoras. Para ele ocorre “[...] uma articulação entre produção flexível, robotização, informatização e aumento da intensidade e da jornada de trabalho, num ‘compósito’ que possibilita compensar a eventual perda de escala na produção por uma extração mais intensa de mais-valia” (LESSA, 2011, p. 318).

Com o cenário contemporâneo as formas perversas de manipulação se intensificaram nesse modo de produção capitalista. Mesmo visualizando um contexto com avanços tecnológicos e científicos sem precedentes, a valorização do capital constante amplia, intensificando o movimento da sua lei geral de acumulação capitalista. Através desse breve estudo desenvolvido fica visível o caráter contraditório do capitalismo, pois na mesma medida em que se inova a produção se intensifica a exploração do trabalho.

Acirramento da exploração do trabalho no capitalismo

Como abordado no item anterior, na contemporaneidade o capitalismo desempenha formas ainda mais perversas de intensificar a exploração da força de trabalho, com a articulação de diversas estratégias para manter em domínio a classe trabalhadora, para que essa classe não se revolte contra esse modo de produção capitalista, visando seu fortalecimento diante das contradições, que são inerentes de sua formação.

Verifica-se, que o capitalismo possui um caráter contraditório, desde sua formação. O modo de produção capitalista se materializa na passagem do século XVIII ao XIX, através de um contexto marcado por mudanças no cenário econômico, político e social. Visto que, a história da humanidade situa-se em constante processo de transformação e o modo de produção capitalista surge em um contexto de diversas mudanças, provocando outras. Esse modo de produção é guiado por sua lei geral de acumulação, com uma organização atrelada ao processo da produção e reprodução do capital, tendo por finalidade uma acumulação de riqueza e lucro.

O capitalismo não surgiu de forma isolada, e sim atrelado ao contexto histórico vivenciado, e para estudá-lo requer um detalhamento minucioso⁵, porém esse estudo busca apenas pontuar de forma introdutória o caráter contraditório desse modo de produção e algumas de suas estratégias ideológicas de manter a classe trabalhadora em seu favor. Observa-se que mesmo com o desenvolvimento das forças produtivas, capaz de satisfazer a necessidade de toda humanidade, ocorre o aumento da pobreza. Assim,

[...] a passagem ao modo de produção capitalista é, também, a passagem a uma nova forma de propriedade privada. O desenvolvimento das forças produtivas possibilitou tal “afastamento das barreiras naturais” que surgiu uma propriedade privada desvinculada de uma relação necessária com qualquer porção da natureza. Esta nova propriedade privada é o capital, que se expressa

⁵ Porém, não é objetivo deste estudo entender esse modo de produção capitalista detalhadamente, para um aprofundamento consultar a obra de Marx “*O Capital*”.

imediatamente no dinheiro. Ao mesmo tempo que o capital auxilia na generalização das relações mercantis a toda a sociedade, ele também é a expressão de um patamar mais elevado da produção que possibilita que uma grande quantidade de produtos seja voltada ao mercado e não mais para o consumo imediato (LESSA; IVO, 2012, p. 26).

Comprova-se como revela Marx (1984), que enquanto uma grande parcela de trabalhadores produz mercadoria, vendendo sua força de trabalho, sendo essa comprada não para satisfazer a suas necessidades individuais, mas para a valorização do capital. Concomitantemente, outra parcela se apropria dessa riqueza produzida, gerando uma má distribuição, que faz parte desse modo de produção. No capitalismo o trabalhador é transformado em mercadoria, funcionando da seguinte forma: quanto maior a oferta de força de trabalho, menor será o preço. Com isso, o desemprego se faz presente, acarretando dificuldades de vida para o trabalhador, porém, com um benefício para o capitalista, pois a obtenção de lucro será maior com a queda do salário pago ao trabalhador.

A Lei Geral de Acumulação Capitalista explica o movimento contraditório, que existe nesse modo de produção, de um lado a uma concentração de riqueza e do outro um *pauperismo* intenso. Está por inventar ou descobrir um modo de produção capitalista sem o fenômeno social da pobreza como algo necessário para a riqueza socialmente produzida. Assim,

[...] quanto maiores a riqueza social, o capital em funcionamento, o volume e a energia de seu crescimento, portanto também a grandeza absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior o exército industrial de reserva [...]. Mas quanto maior esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto mais maciça a superpopulação consolidada, cuja miséria em razão inversa do suplício de seu trabalho. Quanto maior, finalmente, a camada lazarenta da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior o pauperismo oficial. Essa é a lei geral, da acumulação capitalista (MARX, 1984, p. 209).

Com isso, fica explícita a enorme contradição do capital *versus* trabalho, a raiz do processo de acumulação do capital tem como objetivo manter a riqueza do capitalista. Onde,

[...] a condição do trabalhador deve piorar à medida que o capital se acumula; de tal sorte que, acumulação de riqueza por um lado significa acumulação igual de pobreza, de sofrimento, de ignorância, de embrutecimento, de degradação física e moral, e de escravidão por outro, ou seja, do lado da classe que o produz o próprio capital (MARX, p. 208).

Assim, tem-se uma dualidade de contradições, na mesma medida que o capitalismo se fortalece, a desigualdade também aumenta, e a pobreza existente jamais será combatida neste modo de produção, pois, são funcionais ao seu desenvolvimento.

O processo de reestruturação produtiva, com a entrada de uma crise estrutural do capital, aumenta cada vez mais as formas de exploração para manter o trabalhador em benefício do capital. As estratégias se fazem necessárias, começam a aparecer reformas intensificadas para silenciar a luta da classe trabalhadora. Pois,

[...] sem a pressão operária e dos trabalhadores, é muito mais fácil à burguesia administrar as crises pela adoção de medidas que penalizam ainda mais os assalariados em geral, ampliam a destruição do planeta, intensificam a exploração de mulheres e crianças e geram crescente miséria mesmo no seio dos impérios. E tudo isso (e muito mais) só é possível com a manutenção da estratégia de colaboração de classes que ainda predomina entre os trabalhadores (LESSA; IVO, 2012, p. 79).

De acordo com Lessa e Ivo (2012) a crise deixou de ser um fenômeno intermitente para se transformar no modo permanente de reprodução da sociedade burguesa. Observa-se que mesmo com o cenário de avanços tecnológicos e científicos, o controle sobre a força de trabalho, se faz presente,

[...] a robótica e a informática tornam o controle sobre o trabalho manual ainda mais intenso e duro, aumentando a lucratividade do capital. Se uma máquina substitui muitos trabalhadores manuais, o que é verdade, isso não significa que o trabalho manual esteja desaparecendo, mas sim que os trabalhadores manuais que ainda estão empregados vão trabalhar mais duro e em um regime de trabalho ainda mais controlado pelo capital (LESSA; IVO, 2012, p. 85).

Dessa forma, tem-se uma flexibilidade no trabalho, segundo Gounet (1999) “a política básica é usar o mínimo de operários e o máximo de horas extras” (p.30). O trabalhador passa a ser explorado de forma mais intensa, ocorre uma combinação da mais-valia absoluta e relativa.

Essa substituição da máquina, que substitui os trabalhadores manuais, não significa que o trabalho manual esteja desaparecendo ou até mesmo acabado. O que se tem é o aparecimento de formas estratégicas ideológicas, onde

[...] o desenvolvimento das forças produtivas nas últimas décadas, além de intensificar a abundância e ampliar o leque das atividades humanas exploradas pelo capital, tem uma segunda consequência que se expressa na redução do número relativo e absoluto dos proletários. O desenvolvimento das forças

produtivas, por si só, significa uma menor necessidade de trabalho para converter a natureza nos bens materiais indispensáveis a reprodução da sociedade — e isto é um fenômeno conhecido em todas as formações sociais e não apenas no capitalismo (LESSA, 2011, 315).

Como já citado, o desemprego aumenta nesse cenário contemporâneo, fazendo com que a classe trabalhadora se submeta a trabalhos precários, com uma diminuição nos salários. No cenário contemporâneo “[...] o desemprego crescentes tornaram o trabalho vivo mais flexível e mais barato que os robôs, e as fábricas entram em um processo, digamos, de desrobotização” (LESSA, 2011, p. 320).

Outro processo estratégico recai sobre a classe trabalhadora, pois se elas conseguirem permanecer no trabalho passa a serem pressionadas duplamente, tanto pelo capitalista com a manipulação na produção e nos salários, em sua forma de exploração, como pelo “exército industrial de reserva”⁶, que estar na fila para conseguir um trabalho. Eis a lógica de sempre permanecer em treinamento, fazendo com que se produza em quantidades, para que não perca seu trabalho.

É exigida dos trabalhadores uma maior qualificação profissional, pois o trabalho não é mais individualizado, o trabalhador precisa qualifica-se para operar várias máquinas. Sendo favorável para o capitalismo, uma vez que impede o tempo ocioso do trabalhador. Ele deve ser mais “polivalente”, “multifuncional”, o capitalista tende a lucrar muito mais com o trabalho em tempo parcial, temporário ou mesmo com as subcontratações.

Com o neoliberalismo incide também a ideologia de uma relação de colaboração entre o patrão e o empregado, provocando com isto a ideia que a empresa é sua segunda casa, ou seja, os trabalhadores não poderiam ficar contra a algo que lhe pertence igualmente ao patrão. Segundo Lessa e Ivo (2012) as alienações se elevam a um patamar antes desconhecido, para ele não há qualquer mistério de que no início da crise estrutural do capital conduziu um período marcado por um recuo generalizado do proletariado enquanto sujeito revolucionário. Oblitera a subjetividade de classe, substituindo a luta revolucionária pela centralidade política, isto é, perde-se o caráter revolucionário em razão de reformas dentro do capital. Visto que,

⁶ [...] este decréscimo relativo de seu componente variável, acelerado pelo crescimento do capital global, e que é mais acelerado que seu próprio crescimento aparece, por outro lado, inversamente, como crescimento variável ou dos meios de ocupação. No entanto, a acumulação capitalista produz constantemente [...] uma população trabalhadora adicional relativamente supérflua ou subsidiária, ao menos concernente às necessidades de aproveitamento por parte do capital (MARX, 1984, p. 199).

[...] entre muitas outras, há uma diferença essencial entre a revolução burguesa e a revolução proletária. A primeira é uma mudança no interior da sociedade de classes, mantendo, portanto, a exploração. A segunda é a transição para uma sociedade sem classes, livre de toda exploração. Por isso, essa transição não pode começar no interior da sociedade capitalista. Faz-se necessária uma intervenção revolucionária (LESSA; IVO, 2012, p.71).

De acordo com Lessa e Ivo (2012) o proletariado na contemporaneidade continua com sua função social no modo de produção capitalista, eles produzem todo o capital, ou seja, sendo eles que transformam a natureza, não há reprodução social possível sem eles. E ainda acrescentando, “[...] não é mero acaso que a luta política dos revolucionários se tenha convertido quase que exclusivamente numa luta eleitoral, ou, na melhor das hipóteses, numa luta que jamais se liberta das amarras da luta eleitoral” (LESSA; IVO 2012, p. 80). Com esse recuo dos proletariados na cena revolucionária, fez aparecerem autores que defendem que essa classe não seria mais o sujeito da revolução. Porém, Lessa explica que

[...] o proletariado continua, tal como o era na época de Marx, a única classe produtora de todo o “conteúdo material da riqueza social” e, portanto, continua a única classe que não tem nada a perder, a não ser os seus grilhões, com o desaparecimento da exploração do homem pelo homem. E, com a ampliação dos setores econômicos absorvidos a reprodução do capital, principalmente pela mercantilização dos serviços, ampliou-se de forma significativa o setor assalariado que potencialmente poderá ser atraído ao projeto comunista em uma crise revolucionária. Há aqui, portanto, uma mudança importante se compararmos com a situação do século XIX, todavia uma mudança que confere, se possível, ainda maior atualidade e solidez as categorias marxianas que investigamos. As modificações, ao contrário do que sugere uma miríade de autores, confirmam o fundamental do construto categorial marxiano (LESSA, 2011, p. 316).

Esse cenário do capitalismo contemporâneo gerou grandes artimanhas do capital, como já citado, mas se incide ainda mais forte a desmobilização da luta dos trabalhadores, onde

[...] o proletariado não está desaparecendo, nem está em vias de desaparecimento. Sua paralisia política possui causas profundas, cujas raízes se estendem mesmo a antes da Revolução de 1917. A essência dessa paralisia é a aliança entre a aristocracia operária e o grande capital. Fundamentais para essa aliança foram o desenvolvimento e a ação da burocracia nos sindicatos e partidos que tiveram sua origem na luta dos trabalhadores (LESSA, 2014, p. 76-77).

Entende-se por aristocracia operária, segundo Lessa e Ivo (2012) os operários com melhores salários e com participação no mercado de consumo. Os mesmos acabam não se reconhecendo como explorado pelo capital, ocorrendo uma alienação, esses se juntam as

ações do grande capital. Os sindicatos e partidos passam a ser controlados pela aristocracia operária. Dessa forma,

[...] no contexto da crise estrutural do capital, a derrota dos proletários e dos trabalhadores, articulada pela burocracia sindical e partidária que se encastelou no poder, lançou os trabalhadores de todo o mundo em uma trajetória cujo resultado é o que hoje vivemos: as melhores condições para o grande capital impor ao trabalho os custos da crise estrutural e, por isso mesmo, as melhores condições para que o predomínio político e organizacional da aristocracia operária ocorra aparentemente sem maiores desafios ou questionamentos (LESSA, 2014, p. 76).

O capitalismo com seu processo alienante, não trazem outra saída de reforma dentro do seu modo de produção que traga uma solução humana. A articulação de diversas estratégias em função de recuperar e elaborar uma nova configuração para que o sistema econômico capitalista permaneça fortalecido diante das suas controvérsias, só é de forma ideológica, o estudo presente verificou que no capitalismo contemporâneo apenas ocorre uma intensificação em suas desumanidades. “O capitalismo cria seu próprio coveiro na figura do proletariado, bem como cria a necessidade e a possibilidade da superação do capitalismo pelo comunismo” (LESSA; IVO, 2012, p. 71). Assim, como já visto é preciso da revolução proletária, Lessa e Ivo (2012) acrescenta que essa revolução é a mediação histórica indispensável para a transição ao comunismo.

Considerações finais

A apreensão da conjuntura do capitalismo contemporâneo possibilitou entender o processo de produção e reprodução do capital, do qual exige decisões que incentivem o seu desenvolvimento em tempo de crise econômica. Com esse cenário as formas perversas de manipulação se intensificaram, mesmo com os avanços tecnológicos e científicos sem precedentes, a valorização do capital constante ampliou, intensificando o movimento da sua lei geral de acumulação capitalista. Esse estudo revelou que através do caráter contraditório do capitalismo, tem-se na mesma medida que ocorre a inovação da produção, uma intensificação na exploração do trabalhador.

A produção fordista/taylorista, que representou historicamente um período de falso equilíbrio entre o capital e o trabalho, foi necessária para entender como vem se mantendo as mudanças com a adoção do modelo de produção industrial, que resultou na adoção do toyotismo. Percebe-se que não se teve uma superação de um padrão de acumulação a outro

e sim uma continuidade. Com base nos estudos de Lessa, teve-se uma continuidade na produção, gerando mais e mais capitalismo.

Com o toyotismo, tem-se o processo de reestruturação produtiva, com uma série de mudanças em âmbito econômico como também político e social. A adoção do sistema de produção toyotista trouxe grandes repercussões para a sociedade, como vislumbrado. Foi necessária a adoção de medidas que permitissem ao capitalismo se recuperar e retornar seu auge, para tal feito foi realizada a recorrência aos ideais liberais, que resultou no novo modelo de desenvolvimento econômico e social – neoliberalismo. A ideologia neoliberal traz consigo uma mudança com o modelo de Estado keynesiano, se sustentado agora em um Estado mínimo para o trabalho com mudanças na intervenção estatal. Com o processo de reestruturação produtiva, as formas de exploração ficam nítidas, começaram a aparecer reformas intensificadas para silenciar a luta da classe trabalhadora.

Sabendo que no capitalismo o trabalhador é transformado em mercadoria, com o processo de reestruturação produtiva os trabalhos passam a ser mais flexíveis, onde os pequenos grupos de trabalhadores passam a operarem grandes máquinas automatizadas. Os trabalhos em tempo parcial, temporário ou apenas subcontratado, são as novas estratégias do capitalismo. O desemprego é estrutural nesse modo de produção contraditório, ocasionando dificuldades de vida para o trabalhador, porém, com um benefício para o capitalista, pois a obtenção de lucro será maior com a queda do salário pago ao trabalhador.

A substituição dos trabalhos manuais pelas máquinas, não significa que o trabalho manual esteja desaparecendo ou até mesmo acabado. As alienações se intensificaram de forma perversa, sendo reconhecido como visto no segundo item que a crise estrutural do capital conduziu um período marcado por um recuo generalizado do proletariado enquanto sujeito revolucionário. Oblitera a subjetividade de classe, substituindo a luta revolucionária pela centralidade política, isto é, perdeu-se o caráter revolucionário em razão de reformas dentro do capital.

Por isso, conhecer o processo histórico do capitalismo contemporâneo que desencadeou a estratégias de exploração do trabalhador de forma mais intensa é necessário para a elaboração de vias de fortalecimento. A partir de um viés crítico podem ser observados os efeitos gerados por essas estratégias de manter a reprodução do capital. O capitalismo com seu processo alienante, não trazem outra saída de reforma dentro do seu modo de produção, que traga uma solução humana. É preciso buscar construir formas de

superá-lo, tendo em vista que a exploração do trabalhador é inerente a este modo de produção capitalista. Isto significa que o conhecimento adquirido é imprescindível na busca por um novo modelo societário que possa fornecer uma nova forma de sociabilidade, visando à igualdade econômica, política e social, sendo possível apenas com a emancipação humana.

Referências

GOUNET, Thomas. **Fordimos e toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo, 1999.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HUBERMAN, L. **História da Riqueza do Homem**. 21. ed. Rio de Janeiro: Editora S.A,1986.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Proletariado e Sujeito Revolucionário**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LESSA, Sérgio. **Cadê os operários?** São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. V. I. São Paulo: Abril Cultura, 1984.